

The cover features a central illustration of a man with a beard and dark hair, wearing a dark green jacket with a circular emblem on the chest. He has his mouth wide open in a shout or scream, with his hands raised. The background is a dramatic, fiery scene with a red sea, a ship, and a large, glowing orb in the sky. The title is written in a large, stylized font at the top, and the authors' names are at the bottom.

— — Δ — —
CRÔNICAS DOS
SENHORES
DE CASTELO
MARÉ VERMELHA

LIVRO 3

G. BRASMAN & G. NORRIS



VERUS
EDITORA

CRÔNICAS DOS
SENHORES
DE **CASTELO**
MARÉ VERMELHA

LIVRO 3

G. BRASMAN & G. NORRIS

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2014



VERUS
EDITORA

SANGUE AZUL

Mares Boreais

Ánc 3258 da Ordem dos Senhores de Castelo

◁ O velho navio seguia veloz, espalhando gotas de arco-íris, enquanto cruzava os Mares Boreais. Tons de vermelho, amarelo e azul tingiam o céu, refletindo a beleza exótica dos sete sóis que enfeitavam o firmamento. As velhas tábuas do tombadilho, repletas de pinturas de marujos, rangiam suavemente, acompanhando o balanço cadenciado das águas.

Indiferente às belezas do Multiverso, Volgo seguia viagem em seu aposento, absorto em pensamentos. Estava há tanto tempo envolvido com o seu plano que às vezes era preciso recordar o motivo de tudo aquilo. Desta vez, ao relembrar, sentiu uma sensação reprimida, desgastada pelo tempo, teimando em lhe mostrar que havia mais no Multiverso do que apenas ódio e rancor; havia felicidade, compaixão e amor.

Em seu coração, um leve dedilhar de harpas ecoou, enchendo-o de emoções há muito esquecidas. A mais cortante e amarga de todas era a saudade. Morna como chuva de verão, uma lágrima solitária rolou pela pele envelhecida, escorreu pelo rosto magro e caiu na túnica vermelha. Volgo socou a mesa à sua frente com força.

— Maldita! — exclamou entredentes, xingando a lágrima e, ao mesmo tempo, a rainha dos manticores. Ele havia prometido não sentir piedade, nem de si nem de ninguém, até que seu plano terminasse. Mas o efeito do choro da rainha ainda pesava em seu íntimo, ressuscitando sentimentos enterrados no mais profundo abismo de sua alma.

Em uma cama atrás dele, Willroch gemeu, trazendo-o de volta à dura realidade e o fazendo relembrar que ele estava ali por um propósito. E que atingir o seu objetivo era apenas uma questão de tempo e sacrifícios; muitos sacrifícios.

Deixando as reflexões de lado, Volgo endureceu novamente seu coração e se aproximou da cama de Willroch. Apoiado no cajado de madeira, fechou os olhos e se concentrou, murmurando palavras guturais. Enquanto fazia movimentos com a mão livre, experimentou o leve incômodo de induzir sua magia pelo cajado. Apesar de tantos anos, sentia que não havia dominado totalmente a forma de utilizar aquele instrumento. Mas, ainda assim, era um meio útil de canalizar sua magia. Ignorando o desconforto, prosseguiu com o encantamento. A ponta do cajado brilhou e uma poeira vermelha vibrante saiu de seus dedos, encobrendo completamente o corpo de Willroch, mergulhando o poeta em um sono profundo.

Esse ritual era uma forma lenta, mas eficiente, de tratar Willroch, que apresentava melhoras significativas em relação aos meses anteriores. Embora crises e tremedeiras ainda persistissem, Volgo estava confiante na recuperação total de seu laçao. Ao finalizar a magia, cansado mas satisfeito, deitou para dormir sobre um pano no chão; um costume adquirido há séculos, durante o autoexílio em uma caverna longe de tudo e de todos. De barriga para cima, postou o cajado sobre o corpo, segurando-o firmemente com ambas as mãos, e criou uma proteção invisível ao seu redor.

Porém, antes de descansar em seu casulo protetor, repetiu sua rotina diária de verificação de sua rede de monitoramento. De olhos fechados, alinhou as vibrações de sua mente para reverberarem na mesma frequência que os milhares de detectores que ele havia espalhado pelo Multiverso. Aqueles pequeninos aparelhos hexapiramidais eram detectores tecnomágicos de Maru que lhe permitiam saber se fora captada alguma vibração mágica, do tipo que ele procurava havia tantos séculos.

Depois de se certificar de que, mais uma vez, nada fora detectado, Volgo deixou a mente se tornar uma tela em branco e, momentos depois, adormeceu. Pouco tempo se passou quando o navio inteiro chacoalhou fortemente, arrancando-o do sono. Pergaminhos e livros caíram, e dois recipientes se quebraram ao se chocar, espalhando um líquido gosmento e outro fumegante pelo chão do quarto. Volgo tentou se apoiar para levantar, mas outro tranco, mais forte que o primeiro, o derrubou.

— Mas que *frak* está acontecendo? — perguntou-se em voz alta, irritado.

Intrigado, equilibrando-se como pôde, seguiu pela embarcação, que continuava a chacoalhar, como um brinquedo sendo agitado por uma criança raivosa.

Assim que saiu para o convés, viu, abismado, que enormes barbatanas, finas e com listras rosadas, batiam furiosamente contra o navio. Aqueles apêndices macilentos, repletos de agulhões coloridos, eram diferentes de tentáculos de lulas ou qualquer outra coisa que ele conhecesse.

Na popa, o capitão Tempestuoso, com espadas em punho, cortava os filetes rosados com movimentos precisos, enquanto seus marujos de tinta atacavam a criatura com ferocidade. Alguns eram esmagados pela força dos golpes do animal, mas se levantavam rapidamente e voltavam a cortar as estranhas membranas que atacavam o navio. Repentinamente uma enorme cabeça triangular emergiu ao lado do navio. Repleta de guelras e com vários olhos viscosos, sua pele transparente deixava os gigantescos órgãos à vista. A boca possuía escamas afiadas no lugar de dentes e três pares de protuberâncias coroavam as laterais de sua cabeça monstruosa.

Uma exfirata!, pensou Volgo, incrédulo, reconhecendo a criatura que ele pensava existir apenas nas lendas dos viajantes boreais. Ele não sabia, mas aquele animal raro estava seguindo o rastro deixado pela magia de cura que ele usava em Willroch. Para o animal, era como um chamado da natureza para se deleitar com um banquete especial.

Os marujos de tinta, sem se abalar com a figura monstruosa, continuaram a cortar e espetar os apêndices-barbatana, que batiam furiosamente contra o tombadilho e arrancavam pedaços do navio.

Subitamente, um emaranhado de filetes finos se enroscou na cintura do jovem capitão e o elevou até acima de um dos mastros. Com habilidade, Tempestuoso cortou o maço de carne gelatinosa que o prendia e, por uma corda de um dos mastros, escorregou de volta ao convés, voltando a combater a criatura, que estava destruindo o navio à procura da fonte da magia que a atraía.

Diante de tanta destruição, Volgo foi tomado pela ira.

Se o animal não fosse detido, afundaria a embarcação. O velho feiticeiro já havia enfrentado perigos muito maiores para chegar até ali, e não seria um animal de histórias infantis que acabaria com seus planos.

Concentrando seu poder, Volgo lançou uma violenta rajada escarlate contra o animal, que explodiu em um de seus muitos olhos. Com um rugido agudo de dor, a criatura girou a cabeça, focalizou o mago e lançou vários apêndices rosados em sua direção.

Apesar da aparência indefesa e envelhecida, o feiticeiro rubro agiu rápido. Levantou voo e se desviou, escapando ileso ao ataque. Outros tentáculos se esforçaram para pegá-lo, mas com movimentos ágeis escapou, pairando em pleno ar, acima da cabeça da criatura.

Fervilhando de ódio, apertou firmemente o cajado e disparou uma nova rajada, que explodiu no crânio triangular da exfirata com uma força arrasadora. Ferida, a criatura urrou novamente, com um dos vários olhos pendendo debilmente em meio a jorros de sangue azulado.

Só aquele golpe fora suficiente para ferir gravemente a criatura, mas, ressoando ao som de harpas, a raiva no peito do mago cresceu de tal forma que sobrepujou todos os outros sentimentos. Cego pela fúria, Volgo lançou mais uma rajada contra a exfirata, seguida de outra e de mais outra, cada uma mais forte que a anterior.

Seu desejo era desintegrar a criatura por completo, como se, ao fazer aquilo, destruísse também o aperto que lhe ardia no peito.

Althama!, pensou Tempestuoso, ao ver o descontrole do feiticeiro. Volgo fora dominado por um sentimento que sobrepujou de maneira avassaladora todos os demais, como se tivesse sido cegado pelo ódio.

Sem ter como resistir aos duros golpes, os filetes rosados tombaram sem vida, escorregando pelas amuradas e caindo no mar. A enorme cabeça, estilhaçada, boiou junto ao corpo gigantesco por alguns momentos, mas, como um navio avariado depois da guerra, a exfirata afundou, tragada pelo mar colorido. Com dentes cerrados e segurando o cajado com força, Volgo pairou suavemente, até pousar no convés. Seu peito subia e descia descompassadamente. Mesmo com a raiva pulsando no coração, fez um novo juramento a si mesmo: nunca mais perderia o controle de suas emoções; nunca mais se deixaria levar por uma althama.

À sua volta, marujos de tinta estilhaçados misturavam-se com retalhos de velas, tábuas quebradas e uma grossa camada do sangue azul da exfirata.

— Tempestuoso! — gritou Volgo, arfante, apoiando-se no cajado e fazendo um gesto ao seu redor. — Arrumem o navio o mais rápido possível. Não temos tempo a perder!

Olhando para o horizonte, onde um cobertor de estrelas substituía gradativamente o dia, disse, mais para si do que para o capitão:

— Nada irá me deter... NADA!